

CERÂMICA APURINÃ: RESISTÊNCIA COM AS MÃOS NO BARRO

Organizadora
Ana Patrícia Chaves Ferreira



Porto Alegre - RS
2018
Fundação Luterana de Diaconia

Cerâmica Apurinã: resistência com as mãos no barro

Organizadora

Ana Patrícia Chaves Ferreira

Entrevistadas

Léia Carlos dos Santos Apurinã / Katuna Apurinã
Osvaldina Manduca da Silva / Emamarupa Apurinã
Darci Carlos dos Santos Apurinã / Purutýero Apurinã

Tradução dos textos

Francisco Marcelino da Silva Apurinã

Desenhos

Sãnypa Apurinã

Fotografia

Ana Patrícia Chaves Ferreira

Colaborador com a logística para o trabalho de pesquisa e oficinas de cerâmicas
Kennedy Araújo da Silva Apurinã, Marildo Tomás das Silva Apurinã

Coordenadora dos eventos e organizadora das pesquisas

Ana Patrícia Chaves Ferreira

Mulheres Apurinã

Léia Carlos dos Santos Apurinã/ Katuna Apurinã (Camicuã, TI Camicuã)
Osvaldina Manduca da Silva/ Emamarupa Apurinã
Maria Izabel Santos da Silva Apurinã / Kakyro Apurinã (Camicuã, TI Camicuã)
Adenisa Manduca da Silva Apurinã / Maipáky Apurinã (Camicuã, TI Camicuã)
Cecília Apurinã (Aldeia Nova Floresta, TI Peneri/Tacaquiri).
Darci Carlos dos Santos Apurinã-Purutýero Apurinã. (Nova Vista, TI Peneri/ Tacaquiri)
Raimunda Nonata de Lima (São Benedito, TI Kapyra/ Kanakury)
Maria das Dores de Lima (São Benedito, TI Kapyra/ Kanakury)

Projeto gráfico e diagramção: Cristina Pozzobon

CERÂMICA APURINÃ: RESISTÊNCIA COM AS MÃOS NO BARRO

Organizadora
Ana Patrícia Chaves Ferreira



Porto Alegre - RS
2018
Fundação Luterana de Diaconia

SUMÁRIO

Apresentação	9
Cerâmicas	11
Povo Apurinã	18
As mulheres e as cerâmicas Apurinã	21
Cerâmicas no processo de revitalização linguística e cultural	45
Processo de produção	57
O barro	58
Caripé	64
Modelagem das cerâmicas	70
Raspagem das cerâmicas	74
Alisamento das cerâmicas	77
Secagem das peças de cerâmicas	78
Queima das cerâmicas	80
Queimando as peças de cerâmicas na fogueira	80
Breu do jatobá	84
Cerâmicas tradicionais Apurinã	86
Cerâmicas Apurinã em outros territórios	92
Referências	96





"PORQUE NADA DISSO É NOSSO,
TEM UM DONO, E NÓS TEMOS QUE
PEDIR PERMISSÃO, RESPEITAR,
OBEDECER E CUIDAR, POR ISSO
QUE ATÉ HOJE FAÇO CACO, PORQUE
RESPEITO O DONO DO BARRO E
ENSINO ISSO TAMBÉM
PARA AS MINHAS FILHAS".

Ceramista Katuna Apurina





O PRESENTE LIVRO foi construído durante os anos de 2016 e 2018, com participação rica e expressiva de comunidades e mulheres Apurinã, dos municípios de Pauini e Boca do Acre no Amazonas, que, pouco a pouco e de forma sensível, criativa e cosmológica, foram expressando e dialogando sobre a cerâmica Apurinã.

Este material faz parte do projeto Revitalização da Cerâmica Tradicional Apurinã, organizado e desenvolvido pelo Conselho de Missão entre Povos Indígenas (COMIN), que vem trabalhando desde 2012 com meninas, jovens e mulheres Apurinã a importância de revitalizar a identidade cultural desse povo.

O principal objetivo deste livro é servir de material didático para as escolas Apurinã dos municípios de Pauini e Boca do Acre. O processo de revitalização da cerâmica tradicional apresenta-se como marco cultural e socioeconômico, incentivando as mulheres para:

- I) Fortalecimento da identidade do povo Apurinã.
- II) Geração de renda para as mulheres das comunidades envolvidas.
- III) Construção e reafirmação do papel da mulher Apurinã em sua sociedade.
- IV) Aumento da autoestima das mulheres Apurinã.

É importante ressaltar que nem tudo sobre o ato de fazer cerâmica Apurinã foi relatado nesse material. Existem ciências que não podem ser ditas e reveladas para todas e todos. As ceramistas vão passando esse conhecimento para suas aprendizes Apurinã.

Ainda assim, esta publicação traz o passo-a-passo do processo, desde o momento de tirar o barro da beira do rio ou igarapé, qual o tipo de barro, qual a lua certa, até a queima dos utensílios.

Cerâmica Apurinã: resistência com as mãos no barro expressa a força, firmeza e dedicação que essas mulheres ao longo dos anos, décadas e séculos conseguiram manter viva.

Dedicamos esse livro de forma especial às ceramistas, meninas, jovens, alunas, alunos, professoras e professores do povo Apurinã que, junto com o COMIN, estão engajadas e engajados em um esforço conjunto e contínuo pela revitalização linguística e cultural Apurinã, tornando importante e necessário revitalizar uma prática tradicional ensinada de mãe para filha, em uma construção de trocas de saberes milenares.

Ana Patrícia Chaves Ferreira, assessora de projetos FLD - COMIN



CERÂMICAS





A arte de produzir cerâmica é algo milenar e faz parte da história da humanidade. Surgiu quando o homem descobriu o fogo e passou a utilizar a argila ou barro que endurecia pelo uso do fogo, e neste contínuo processo de evolução e aperfeiçoamento deu-se a cerâmica.

A cerâmica foi introduzida quando algumas sociedades deixaram de ser nômades e passaram a cultivar a terra e acumular os mantimentos. A atividade de produção de cerâmica faz parte da cultura de vários povos, primeiro como peças de rituais religiosos, depois como peças utilitárias, permitindo armazenar e cozinhar os alimentos. Isso acontece no período neolítico, segundo Penido e Costa (1999).



As civilizações ao seu modo desenvolveram várias formas e características bem próprias no manuseio e uso do barro, de tal forma que o estudo da cerâmica é um dos maiores auxiliares na pesquisa arqueológica. Tradicionalmente a cerâmica é produzida por vários povos. Entre os povos indígenas no Brasil a produção de cerâmica é totalmente manual, e este conhecimento vem sendo passado de geração em geração.



Outra peculiaridade no que se refere à cerâmica tradicional entre povos indígenas é o fato de ser uma atividade de mulheres, sendo raros os casos entre outros povos e sociedade onde se tem homens ceramistas. Para muitos povos, essa relação de ser mulher e ceramista implica em uma conotação cosmológica de poder dentro das comunidades pelo simples fato de que produzir cerâmica apresenta inúmeras restrições. Produzir cerâmica é muitas vezes compreendido como algo sagrado e, na linha do sagrado, a mulher ceramista perpassa e dialoga entre os territórios físico e mítico com permissão, sensibilidade, espiritualidade, respeito e poder.



Povo APURINÃ



SEGUNDO FACUNDES (2000), o povo Apurinã pertence à família linguística Aruak do tropo Maipure. Heckenberger (2002) afirma que a distribuição dos povos falantes da família Aruak compreende desde o Sul do Brasil até a Flórida, nos EUA, seguindo pelos territórios andinos do Peru e da Bolívia até o estuário do Amazonas.

Os Apurinã se autodenominam pupŷkary (homem) ou pupŷkaro (mulher), porém os mais velhos ou "tronco velho" como são chamados dizem que pupŷkary ou pupŷkaro são todas as pessoas e povos do mundo.

De acordo com dados da FUNASA (Fundação Nacional de Saúde) 2010, a população do povo Apurinã é de aproximadamente 7 mil pessoas.

O médio rio Purus é identificado como território Apurinã, como relata SCHIEL (2004).

O médio rio Purus e os igarapés, seus afluentes, são o território Apurinã. O espaço é reconhecido pertencendo a parentelas: pessoal do Pedro Carlos, pessoal do Doutor, nomes de velhos já mortos. A dimensão deste espaço variou e modificou ao longo da história Apurinã. Nas narrativas os Apurinã falam da vinda do Kairiko (terra na pedra, alguns dizem rio Ituxi, já em Rondônia) ou a migração vinda das proximidades do mar. De qualquer forma, é uma migração primeira que os leva à área que ocupam hoje.¹

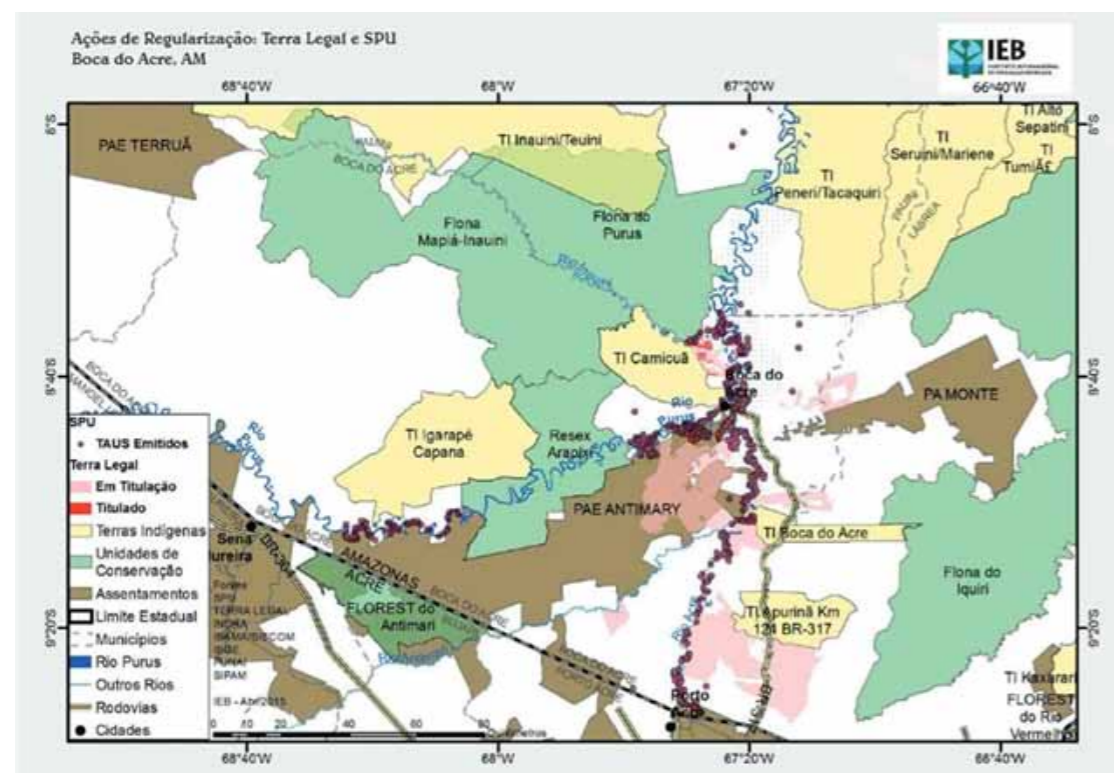
De acordo com Kromer (1985), os Apurinã estão dispersos em 36 Terras Indígenas (requeridas pelos indígenas, identificadas, demarcadas ou homologadas), ao longo do Rio Purus e seus afluentes, na bacia do Rio Madeira, como é o caso dos Apurinã que vivem na Terra Indígena Torá, nos municípios de Manicoré e Humaitá ou ainda no Solimões, nos municípios de Manaquiri, Manacapuru, Beruri, e Anori.

No Alto Solimões, no município de Santo Antônio do Içá, ainda podem ser encontrados na Terra Indígena São Francisco. Além desses municípios, os Apurinã estão localizados nos municípios de Tapauá, Lábrea, Pauini e Boca do Acre, na bacia do Purus. Também podem ser encontrados aproximadamente cerca de 600 Apurinã vivendo na cidade de Rio Branco, no Acre. Há ainda mais ou menos 60 Apurinã na aldeia Mawanat, na Terra Indígena Roosevelt em Rondônia, que para lá migraram em 1983 quando um índio munduruku e sua esposa Apurinã, funcionários da FUNAI, foram transferidos para Cacoal, Rondônia.²

¹ Cf. SCHIEL, Juliana. Tronco Velho: Histórias apurinã. Tese de doutoramento. Campinas: Universidade Estadual de Campinas, 2004. p. 56.

² Cf. FERREIRA, Ana Patrícia Chaves. Léxico da Língua Apurinã: proposta de um dicionário bilíngue. Dissertação. Universidade Federal de Rondônia, 2013. p. 19.

Figura 2 - Mapa das terras Apurinã dos municípios de Boca do Acre e Pauini no Amazonas.



Fonte: Instituto de Estudos Brasileiros: IEB

Eles dividem-se em dois clãs, Xuapurunery e Metumanety. A linhagem é passada de pai para filho e o casamento correto ocorre entre dois clãs – unir-se dentro do mesmo clã é casar entre irmãs e irmãos, como as e os integrantes de um mesmo clã dirigem-se aos outros (naturo, irmã, nutaru, irmão). Além da divisão em clãs, os Apurinã também se subdividem em grupos familiares designados por um animal, como por exemplo: kyryakury (grupo do rato), exuwakury (grupo do tamanduá-bandeira)³.

³ Cf. SCHIEL, Juliana. Tronco Velho: Histórias apurinã. Tese de doutoramento. Campinas: Universidade Estadual de Campinas, 2004. p. 62.



AS MULHERES e AS
CERÂMICAS APURINÃ



Produção de cerâmicas durante a oficina de cerâmica Apurinã que aconteceu em 2016 na TI Peneri/Tacaquiri, comunidade Boa União, Pauini-Am, e em 2018 na TI Kapyra/Kanakury, comunidade São Benedito, Pauini - AM.



"Nós fazemos cerâmicas porque faz parte da nossa cultura, e para tudo servem: servem para colocar água para nós bebermos e preparar nossos alimentos, para fazer nosso beiju, para fazer o fogareiro de barro para cozinhar nossos alimentos"⁴.

AKAMARY YÃYATY KePA KAMA ATHA
TOYTA YKYNYPUKO, YPURÃ NITAKYNYÃTA
AYÃTAKO ATYEKATAKA WAKO ATHA,
KYÃNA KAMA ATHA KAMA YKATSARYNA
XIREWATAKO ATHA KYÃNA.



⁴ Livro Alfabetizando em Pupykari Sãkyri/Organizadora Ana Patrícia Chaves Ferreira.- São Leopoldo Oikos, 2014. Páginas: 17 e 21



A produção de utensílios, como vasos, potes, pratos e copos, feitos com o barro, é uma prática milenar dos Apurinã.

Segundo as kyru, o trabalho com a argila/barro sempre foi das mulheres. Sabiamente elas passaram esta prática de geração para geração. Mães, filhas e netas trabalhavam com o barro, que na língua Apurinã se chama hãkape ou katsary.

Entretanto, o povo Apurinã, no decorrer das últimas décadas, tem vivenciado uma série de transformações sociais, econômicas, linguísticas e culturais devido a fatores como o processo intenso e violento de massacrante, colonização, e principalmente da perda de territórios tradicionais.

A partir do contato com a sociedade não indígena, a produção da cerâmica ficou cada vez mais restrita e até mesmo sendo esquecida por algumas comunidades.

Felizmente, devido ao trabalho minucioso das mulheres, a atividade não foi extinta, e segue como manifestação cultural e de resistência e como forma de identidade e autonomia sobre os territórios.

O ato de produzir cerâmica em um ritual passado de geração para geração movimenta algumas mulheres Apurinã dos municípios de Pauini e Boca do Acre, no sul do estado do Amazonas. Entre essas mulheres algumas protagonizam um importante processo de fabricação e resistência da cerâmica: Katuna Apurinã, também conhecida como Léia, da TI Camicuã, comunidade Cãmicuã, município de Boca do Acre, Amazonas; e Emamarupa Apurinã, conhecida como Osvaldina, da TI Peneri/Tacaquiri, comunidade Vera Cruz, município de Pauini, Amazonas.



⁵ Kyru. n.inal.f. Avó/velha. Cf. FERREIRA, Ana Patrícia Chaves. Léxico da Língua Apurinã: proposta de um dicionário bilíngue. Dissertação. Universidade Federal de Rondônia, 2013. p 19

⁶ Dicionário Apurinã-Português/ Organizadora Ana Patrícia Chaves Ferreira.- São Leopoldo Oikos, 2014. Página: 28

⁷ Livro Alfabetizando em Pupykari Sãkyri/Organizadora Ana Patrícia Chaves Ferreira.- São Leopoldo Oikos, 2014. Página: 18



Tanto Katuna Apurinã como Emamarupa Apurinã relatam que aprenderam a arte de produzir cerâmicas com suas avós, quando ainda eram crianças.

“Não lembro quantos anos eu tinha, mais sei que era bem criança quando minha avó decidiu ensinar a fazer “caco”⁸, no começo não foi fácil, quase tudo que fazia quebrava ou rachava antes de ir ao fogo. Um dia vi minha avó fazendo um camburão bem grande, achei aquilo tão bonito, e decide que iria fazer igual, fiz vários, e todos rachavam, nem me lembro quantos fiz e não deu certo, até que um dia fiz um que deu certo, e eu fiquei muito feliz, e minha avó disse que eu iria continuar o que ela fazia, que era produzir cerâmicas”⁹.

KoNe NoXiNiKA KePAKiNe ANo NoTA AWa,
 NoWAXiTY PANi NoAKiRo uWA TXARi, Ni eNSiNAR,
 KAMARi PYTeTY, KoNe FÁCiL, NoTA KAMARi YWA
 PeRiKAPe YWA TXiRÂKA YPoKiNHA. NiTAKAKiTo,
 HÂTY NoAKiRo, KAMAPeRi, KoPuTY MYTHARY, No
 AXÂTA ReRePAKiNe, NiTXA NoTAKANeRA KAMARi
 YWAKiTXARi YPoSo MAPÂiTo YTXiRÂKA, NoTXARi
 KeNeRePA HÂTY DiAATA, H~TY NiKAMA, KoNe
 TXiRÂKA NoTXARi NiKAMA PANiKo.

⁸ Os Apurinã utilizam a palavra “caco” como um termo comum entre eles para nomear a palavra cerâmica, que para o vocabulário deles é algo um tanto quanto recente. Percebe-se que as mulheres usam a palavra cerâmica mais quando estão fora de suas comunidades e territórios Apurinã, como por exemplo, quando estão nas cidades. Porém isso não é uma regra, pois muitas mulheres mesmo nas cidades se utilizam do termo “caco” ao se referirem da cerâmica.

⁹ Entrevista realizada com Imamarupa Apurinã, da TI Peneri/Tacaquiri, comunidade Vera Cruz, Município de Pauini, Amazonas.



KoNe SYTUAKURo
 uWA KAMAReTARi
 YA PYTeTY, ATHA
 KAMARi PYTeTY
 KoNe TXiRÃKA YA
 HÃKAPe THoNo
 TXAWA PYThe
 KAMARiKe, PYTeTY
 YA ATHA ReSPiTADA
 HÃKAPe YA KARiPe,
 KASYRi, SoTo ARiNHA
 KeNe ATHA YANIÃ,
 KoNe HAREKAWA
 YPoSo YWA ATHA
 KAMARiKo KoPYTY.



Emamarupa Apurinã agora ensina a arte de produzir cerâmicas para as suas filhas e sobrinhas da comunidade Vera Cruz, o que a deixa muito feliz. Segundo ela a confecção da cerâmica Apurinã, ao menos em sua comunidade, ainda continua viva. Na comunidade Vera Cruz além de Emamarupa Apurinã, existem outras mulheres mais velhas que também fazem cerâmicas, e tentam passar a técnica para suas filhas e netas.

Emamarupa Apurinã relata que fazer cerâmica não é para qualquer uma, e ela ouviu essa mesma frase da sua mãe e avó, que ensinou a técnica fabricação da cerâmica.

"Nem toda mulher tem o dom de fazer cerâmica, nós somos escolhidas pelo 'dono do barro'¹⁰, existem muitas restrições e muita coisa não podemos fazer, temos que ter muito respeito com o barro, com o caripé, com a lua e o igarapé, quando não fazemos isso sofremos muito, e descobrimos que não somos escolhidas pelo 'dono do barro' para produzir à cerâmica"¹¹.

¹⁰ O termo dono do barro é utilizado entre os Apurinã para designar um ser espiritual, que hora vira gente, e noutra vira barro, é ele quem autoriza a retira do barro para fazer à cerâmica, e isso tem que ser feito com cuidado e respeito para que ele o dono do barro não se zangue, pois caso isso aconteça ele secará o barro e consequentemente as mulheres não conseguiram fazer cerâmicas.

¹¹ Entrevista realizada com Emamarupa Apurinã, da TI Peneri/Tacaquiri, comunidade Vera Cruz, Município de Pauini, Amazonas.



Ao longo do rio Purus entre Boca do Acre e Pauini, adentrando os igarapés das comunidades Apurinã, percebe-se que em algumas comunidades a arte de produzir cerâmica permanece, mesmo que de forma tímida.

Quem entra nessas comunidades logo descobre que ali existe uma ceramista, pelos detalhes e objetos vistos nas casas, principalmente no ambiente da cozinha, onde sempre tem um pote de barro (Kopity) com água para beber, um camburão (Yātaty) para colocar o vinho da macaxeira, do patoá ou açaí, prato (pytety) e o fogão de barro, para cozinhar e azar os alimentos.





É comum entre as comunidades que têm ceramistas a comercialização das cerâmicas, na sua comunidade e para as comunidades vizinhas. Por isso, os objetos podem ser encontrados também em casas de ribeirinhos vizinhos e de moradores de cidades próximas.



Katuna Apurinã, uma ceramista reconhecida na cidade de Boca do Acre, relata que aprendeu a arte com sua avó:

“Eu era bem pequena quando fui viver com minha avó, passei um bom tempo com ela, na aldeia em Pauini, aprendi tudo sobre cerâmica, uma irmã e prima minha também aprenderam, mais só eu quis continuar fazendo cerâmica, e hoje ensino minhas filhas que ensinam para as filhas delas”.¹²



¹² Entrevista realizada com Katuna Apurinã, da TI Camicuã, comunidade Camicuã, município de Boca do Acre, Amazonas.

NoTA AWA
XiITY PANI
NoAWANÂTA, NA
KiRo AWiNe,
NiPeSATA YWA
NUAWANÂTA,
NoAWAPUKUXi,
NiMATAPeKARA
KoPYTY NiKAMYNe
HÂTe NYTHARo
HÂTe YNAWA
KANeRA YMATARi
KoPYTY AKAMuNe,
WATXA No HÂKeRo
MuARA uWA HÂTe
PeKANA.



As filhas de Katuna têm uma produção bem diferente, que foge das peças antigas e tradicionais que Katuna aprendeu com sua avó. Seu trabalho inclui cuscuzeiras, chaleiras, travessas, xícaras e vasos, com novas formas.





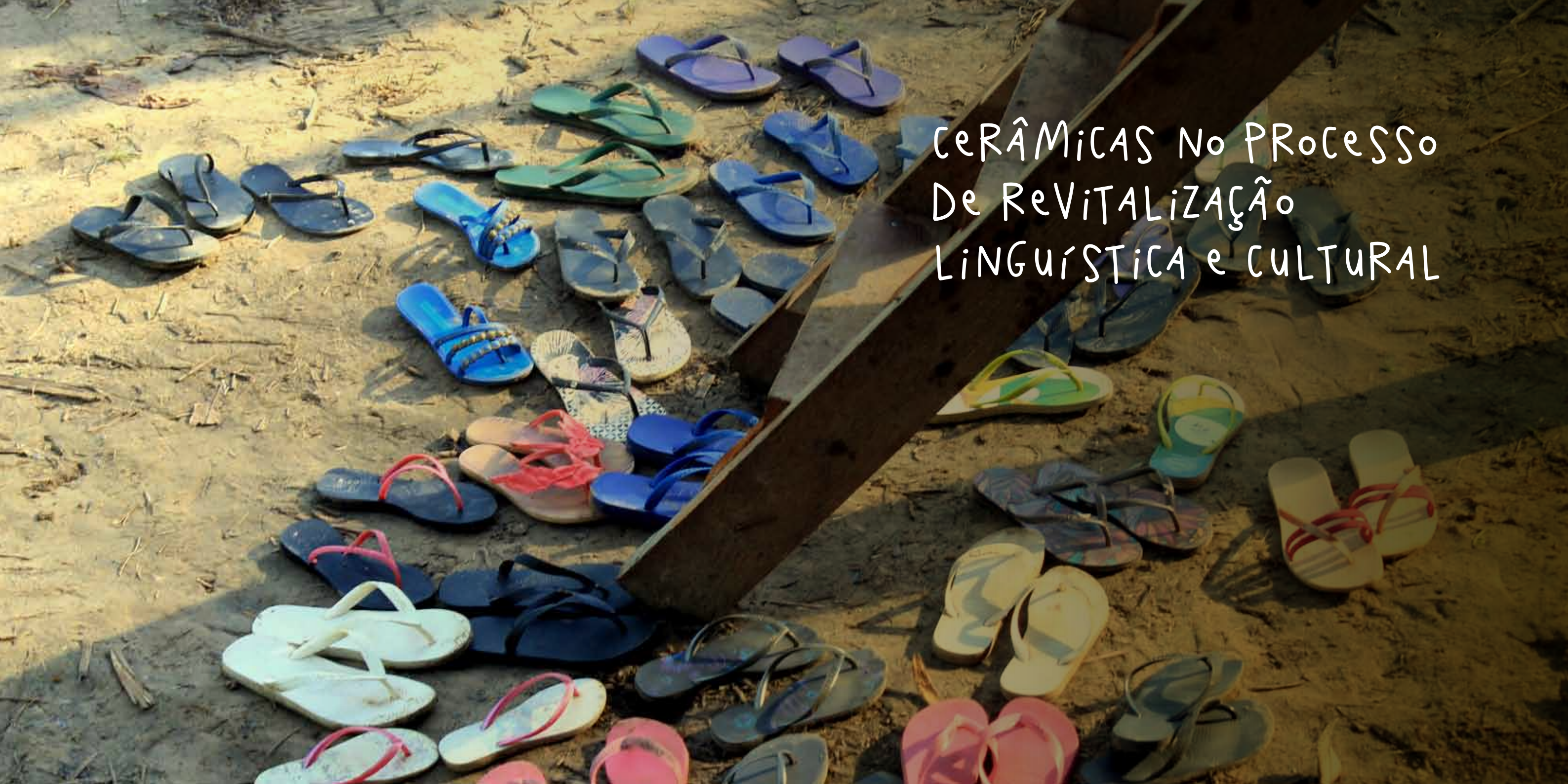
Em outro relato, Katuna Apurinã e Emamarupa Apurinã falam sobre a escolha pela atividade como ceramistas, explicando que as limitações a que são submetidas são, na verdade, um exercício de paciência: desde o ato de retirada do barro da beira do igarapé, até a modelagem e queima de uma peça de cerâmica, a paciência é fundamental em todos os processos. Além da paciência, é importante a obediência e o respeito para com as "ciências da natureza"¹³ e com os donos das coisas da natureza que, para os Apurinã, vivem em dois mundo: o espiritual e o terrestre.¹⁴



¹³ O termo ciências da natureza segundo as Apurinã, significa os mistérios da natureza, pois para esse povo tudo tem dono, e os donos podem ser gente ou um ser espiritual, que detêm uma série de conhecimentos a cerca do mundo, das coisas do mundo e das ciências do mundo, que se pode ver ou não.

¹⁴ Assim como para muitos povos indígenas o mundo mítico do povo Apurinã é repleto de um imaginário que faz parte de sua marca identitária, sua cosmovisão de mundo, que de certa forma gerência as vidas dos Apurinã, em todos os sentidos.



A large number of colorful flip-flops are scattered across a sandy beach. The flip-flops come in various colors including purple, green, blue, black, red, white, and pink. A wooden plank runs diagonally across the scene from the top right towards the bottom center. The text is overlaid on the right side of the image.

CeRÂMicas No PRocesso
De ReViTALiZaÇÃo
LiNGUÍSTICA e CULTURAL

O Conselho de Missão Entre Povos Indígenas - COMIN, juntamente com as mulheres Apurinã da TI Camicuã, comunidade Camicuã, município de Boca do Acre, no Amazonas, realizou uma oficina de cerâmica Apurinã no ano de 2012, tendo Katuna Apurinã como ministrante.



¹⁵ O COMIN é uma instituição ligada à IECLB (Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil) que assessora e acompanha alguns povos e comunidades indígenas, criando parcerias e dando apoio na área da educação, saúde, terra, direitos, organização e auto-sustentação. Para saber mais, acesse < <http://comin.org.br/>

No ano de 2016 aconteceu outra oficina de cerâmica Apurinã na TI Peneri/Tacaquiri, comunidade Boa União, município de Pauini no Amazonas, tendo como ministrantes Katuna Apurinã e Emamarupa Apurinã.

Em 2018 aconteceu a terceira oficina de cerâmicas Apurinã na TI Kapyra / Kanakury, comunidade São Benedito, município de Pauini no Amazonas.









A participação de meninas com idade entre 8 a 14 anos foi significativa, assim como a participação de mulheres com idade entre 15 a 30 anos. Elas aprenderam os processos de produção da cerâmica, desde a escolha do barro do igarapé ou beira de rio, a procura do caripé na mata, como também as ciências do barro e modelagem, o que se deve ou não fazer e o porquê de cada coisa.

Como as duas mestras ceramistas são falantes fluentes da língua Apurinã, a língua materna também é aprendida, pois durante toda a oficina elas dialogam entre si em *pupýkaro sãkyri* 'língua Apurinã', e ensinam também para as participantes e aprendizes.



Essas oficinas surgiram da necessidade e interesse por parte das mulheres Apurinã e do COMIN, que se preocuparam com as meninas e mulheres mais novas em relação ao desinteresse em aprenderem a técnica de produção de cerâmicas.

Para Katuna Apurinã é importante apresentar como se produz a cerâmica, e a participação dessas mulheres, principalmente as mais novas, é o grande objetivo desse trabalho, para que aprendam a técnica e descubram se foram escolhidas pelo dono do barro, se têm paciência e respeitam as ciências da natureza.

O projeto desenvolvido pelo COMIN faz parte de uma ação mais ampla, de revitalização linguística e cultural do povo Apurinã, onde se faz necessário compreender que a língua/linguagem/cultura/identidade estão num mesmo campo de atuação, o da construção, fortalecimento e trocas de saberes.





Processo de
Produção da Cerâmica

Assim como em muitos povos indígenas o processo de produção de cerâmica é um trabalho feminino, entre o povo Apurinã, também se dá dessa forma. A produção da cerâmica é um trabalho e responsabilidade das mulheres Apurinã, e os homens, como já dito anteriormente, podem ser requisitados para a busca da matéria-prima, ou para os cozimentos das peças no fogo.



O BARRO

A escolha do igarapé e do local onde se irá retirar o barro é feita sempre pelas mulheres mais velhas, ou por quem entre elas já faz cerâmica, ou porque outra mais velha indicou o local ou por escolha delas mesmas.

As restrições e a atitude de respeito já começam a partir desse momento. Quando as mulheres escolhem o local, precisam pedir permissão ao dono do barro para o uso da matéria-prima. As mulheres não podem estar menstruadas ou grávidas, também não pode tirar o barro o homem cuja esposa esteja grávida, e é preciso estar atenta à fase da lua, que deve ser minguante. Não se retira barro na lua nova, que é lua de força, na lua cheia ou crescente.

Retirando o barro da beira do igarapé e do rio

Depois que se retira o barro da beira do igarapé ou do rio, é preciso deixá-lo morrer, descansando por três a quatro dias. Depois disso é que será amassado ou, como dizem as ceramistas, pisado.

Muitas ceramistas preferem trabalhar na produção de cerâmicas com o barro da beira do igarapé, que, segundo elas, é mais limpo – o barro da beira do rio contém mais sedimentos, como pedrinhas, raízes e folhas –.

Mas nem todo barro da beira do igarapé serve para fazer cerâmica. Para saber se é bom, as mulheres Apurinã provam o barro. Se tiver muita areia, não serve.

“Quando vou pegar o barro levo a folha da bananeira e um pano, a folha é para forrar o pano onde coloco o barro”, diz Katuna Apurinã.

Depois que se retira o barro, começa o processo de limpeza, com a remoção de restos de pedras, raízes e pequenos gravetos. Feito isso, mistura-se o barro com a cinza do caripé.





LIMPANDO O BARRO



Ceramista provando o barro da beira do igarapé (página à esquerda) e limpando barro



MISTURANDO o BARRO
COM A CINZA DO CARIPÉ



As ceramistas costumam provar o barro para saber o ponto de mistura do caripé. Quando não sentem mais areia, é por que se chegou ao ponto certo.

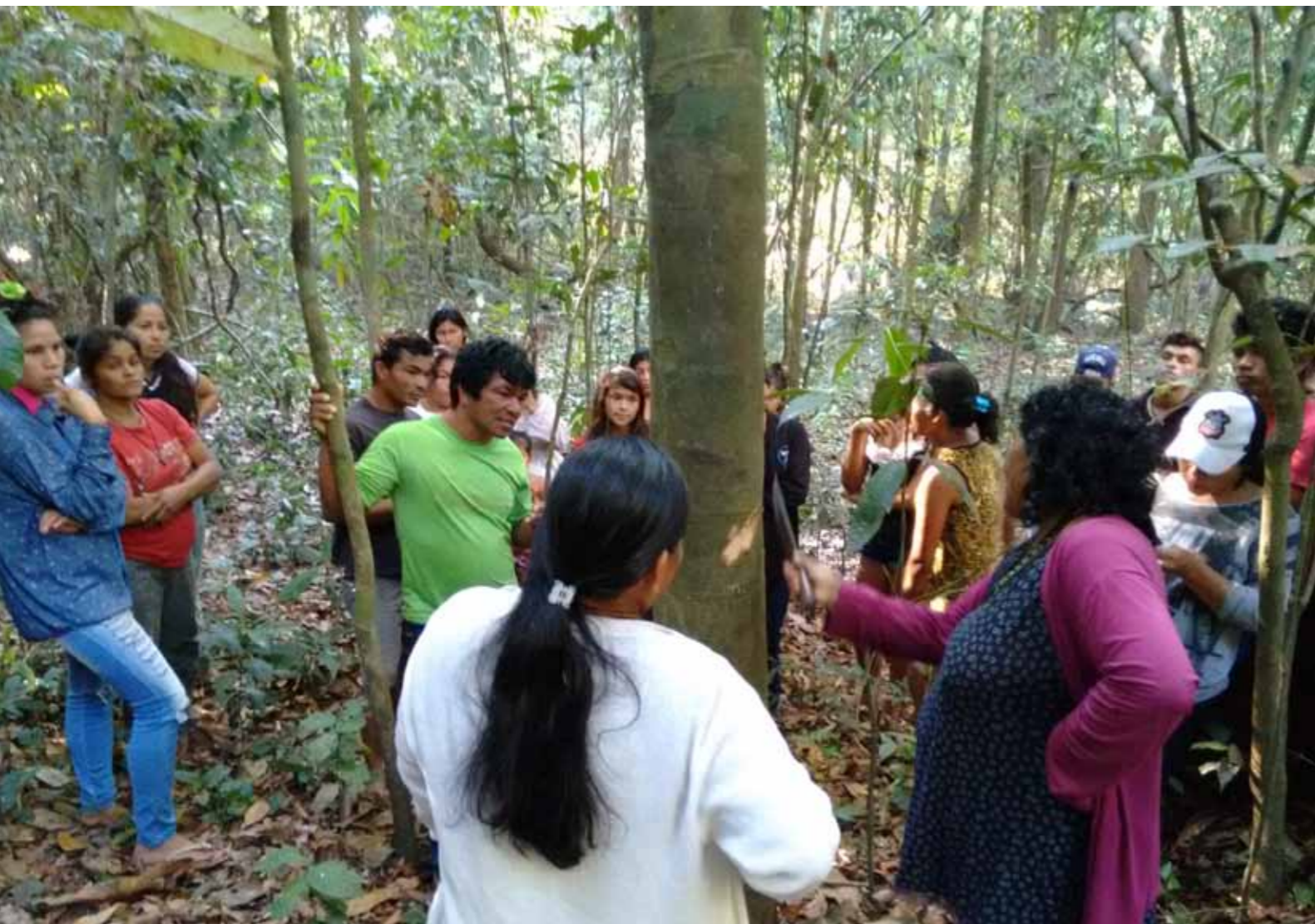
CARIPÉ

Segundo Zucchi (2002), a arqueologia tem observado que vários grupos Aruak utilizavam tradicionalmente o caripé como mistura.

O caripé (*licania scabra*) é um tipo de árvore da Amazônia, que, derrubada e queimada, resulta em uma cinza, que é peneirada até que fique um pó bem fino (a textura lembra o cimento). Esse pó é misturado com o barro, para garantir uma ligadura, evitando que este resista e não rache no processo da queima.



Atualmente, muitas ceramistas usam a casca do caripé ao invés de queimar a árvore, uma vez que essa prática, ao longo dos anos, resultou na sua diminuição na mata. A casca é retirada com cuidado para não ferir a árvore.



Ceramistas mostrando a árvore do caripé e como se retira a casca para queimar



Peneirando e pilando o caripé depois de queimado

MoDeLAGeM DAS CeRÂMicas

Depois do barro limpo e misturado ao caripé, é o momento da modelagem das cerâmicas, que começam a criar formas e vidas pelas mãos das ceramistas. Da mesma forma que em todo o processo, as mulheres não podem estar menstruadas e nem grávidas.

Primeiro, são feitas bolas de barro que, através do manuseio vão criando formas.





RASPAGEM DAS CERÂMICAS

Com uma concha de caracol chamada 'seruta'¹⁸, uma colher ou uma faca, a cerâmica já modelada passa a ser raspada, para tirar o excesso do barro, deixando a peça mais leve e mais fina.

Durante a modelagem, raspagem e secagem das peças, as ceramistas escolhem lugares mais reservados, pois, segundo elas, existe uma "ciência" sobre a energia das pessoas, que pode rachar as peças durante a secagem ou no momento de queimá-las – especialmente mulheres grávidas ou menstruadas, ou homens cujas esposas estejam grávidas.



Caracol que chamam de seruta



¹⁸ Seruta. n.al.f. Concha de um tipo de molusco/ Seruta n.al,f (neo) Colher. Cf. FERREIRA, Ana Patrícia Chaves. Léxico da língua Apurinã: proposta de um dicionário bilingue. Dissertação. Universidade Federal de Rondônia, 2013. p 19



ALISAMENTO DAS CERÂMICAS

Depois das cerâmicas raspadas e mais secas é o momento de alisá-las, com um caroço de anajá (amãã) ou caroço de jaci (kayaty). Alisa-se a peça por horas, até ficar brilhosa. Terminado o alisamento, a cerâmica fica mais alguns dias secando, até chegar o momento da queima.



SECAGEM DAS PEÇAS DE CERÂMICAS

Peças de cerâmicas alisadas e secas, prontas para serem queimadas.



Queima DAS CERÂMICAS

Primeiro é feito um fogo brando, colocando-se as cerâmicas sobre as brasas, para assarem.

Queimando as peças de cerâmicas na fogueira

O segundo momento da queima na fogueira segue até toda a lenha ser consumida. Depois disso, as cerâmicas estão prontas. Durante o processo de queima e cozimento, é preciso observar a lua, para se ter um bom resultando na produção. Mulheres grávidas e mulheres menstruadas não devem queimar nesse período, e é preciso evitar a lua cheia, lua crescente e lua nova, pois essas têm muita força, podendo quebrar as peças.





Breu do jatobá

O breu do jatobá é uma espécie de verniz natural, que deixa a cerâmica impermeabilizada e com brilho. É passado logo que a peça saiu do fogo e ainda está quente. Ele é passado em toda a peça, em algumas partes, no caso de pratos, e, no caso de potes, apenas por dentro. Nas panelas de cerâmicas geralmente não se passa o breu, pois se forem ao fogo, esse irá derreter.



Cerâmicas tradicionais Apurinã

Segundo Emanerupa Apurinã, essas são algumas das cerâmicas que eram usadas pelos Apurinã mais antigos, ou o "tronco velho", como são chamados.

Kopity aatakarō pëẽ tsaperyky, kumiary, etc. Para colocar vinho de açaí, macaxeira etc.



Kopity xirewatako kyãna. Painel para cozinhar alimentos.



Kopity aatakarō ypurã. Pote para água.



Mêkuruano. Para colocar farinha.



*Kopity aatakaro pēē tsaperyky kumiary etc.
Para colocar vinho de açai, macaxeira etc*



Pytety. Pratos.



*Yātatxi iketa pēē pēē tsaperyky,
kumiary, txipary etc. Para tomar vinho
do açai, macaxeira, banana etc.*



Takataty kamaro putsuamata. Para fazer beiju.



Yātatxi mēētē. Tijgela do pajé.

HÃKAPe

KAMARYKO, KUPYTE, PYTETY, KATSARY ATHA AMAASARY KATSARY YPUso KARAPANETE
ÃÃTA AJUTYKA KeISAPe KAYKUTA ÃTAPÃNi, ATHA ÃMAITA.
MeRePYTe weRÊTA KATSARY, MAKATXAKARYKO YSURO, ÃÃTA KUTSA KeKaiKUTA
YWA YPOso KATSARY weRÊTA, ATHA MAPUTSUPEtARY YWA HÃTY YAÛPe MAJAKARY
KARAPAWATY KoKeTARY KATSARY YSUPE weRÊTA MAPUTSUPEtARY YKoKeTARY Kone
MAJAKA YTuÿTo YWAKo, KATSARY YAÛPe, KAMATARYTAKo, KUPYTE MeKURUÃNo,
PYTETY KATSARY, TAKATARY.

ATHA AMERUTARYKO KITATY e KATSARY AKAMARY KATSARY YPUso NiPUSUPeKARANY
TAKANAPeRY ePYHÃTY eSUNAKAPeKARi, ATHA AMAASARY, KixETA
HÃTY SeRUTA AMÃÃKY eKAMARYweRA ASYKA KATSARY KITATYKe
YPUso YKYNYPUKo weRÊTA YPUso PeKARY ATHA AMAASARY STHUPA AKAMA YPOKO
ARYPe ToYTA KATSARY YPUso YNAAARYPeNÃTA, KITATYKO, TYETAKo YPOso
YWAkANEra YKYNYPUKo YNAAARYPeNÃTA, ATAKANATAPeRo YTHAYKA NAPA KURYATA
PeRYKY YKYNYPUKo YNAAARYPeNÃTA, PUMeKURY YTXA.
AKAMARY YÃYATY KePA KATATA ATHA ToYTA YKYNYPUKo, YPURÃ NITAKYNYÃTA
AYÃTAKo ATYekATAKA WAKO eTA, KYÃNA KAMA ATHA KAMA YKATSARYNA XiREWATAKO
ATHA KYÃNA.



BARRO

Para fazer potes, pratos, panelas de barro, nós vamos buscar o barro e depois o caripé, que é a casa da árvore que queimamos e quando fica só as cinzas nós recolhemos.

Primeiro se limpa o barro, tira as pedrinhas, as cascas e as raízes que ficam nele, depois do barro limpo, nós amassamos para que ele fique de uma só forma, em seguida pegamos o caripé e misturamos ao barro que foi limpo e amassado, misturamos bastante até não pregar mais nas mãos, o barro já tá pronto para se trabalhar do jeito que queremos, com os potes, as panelas, os pratos e tachos.

Nós alisamos o barro e começamos a fazer os objetos de barro, depois de feito deixamos descansar por dois dias para secar, depois de seco, nós raspamos com uma colher ou com o caroço do anajá, fazemos isso para deixar bem lisinho.

Depois de tudo feitos nós vamos à mata pegar pau para fazer o fogo para queimar os objetos de barro, eles vão queimando bem devagar, depois que estiverem todos queimados, nós deixamos esfriar para poder passar o breu de jatobá em todas as peças queimadas para ficar brilhando.

Nós fazemos cerâmicas porque faz parte da nossa cultura, e para tudo serve, serve para colocar água para nós bebermos e preparar nossos alimentos, para fazer nosso beiju, para fazer o fogareiro de barro para cozinhar nossos alimentos.



CERÂMICAS APURINÃ EM OUTROS TERRITÓRIOS.

O COMIN, em parceria com a Universidade federal do Acre-UFAC, Programa de Pós Graduação em Letras: Linguagem e Identidade, desde 2016, tem realizado exposições fotográficas e de cerâmicas, com a presença de ceramistas, buscando dar visibilidade e valorizar a técnica e a arte do povo Apurinã.

Ceramistas Emamarupa e Katuna Apurinã (abaixo) participando de exposição da cerâmica Apurinã em 2016 na Universidade Federal do Acre- UFAC no 10º Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Occidental e do 8º Colóquio Internacional As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia.



Ceramistas Apurinã expõem na Universidade Federal do Acre - UFAC em 2017 no 9º Colóquio Internacional As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia.

CASA De CERÂMICA
DA TI PENEIRI/ TACAQUIRI,
COMUNIDADE BOA UNIÃO, PAUINI- AM.



Ceramistas Apurinã expõem na Universidade Federal do Acre - UFAC em 2017 no 9º Colóquio Internacional As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia.

REFERÊNCIAS

- BIRDEMAN, Maria Tereza Camargo. O dicionário padrão da língua. Alfa, São Paulo, 1984 n° 28 – 43.
- BUENO, Silveira. Minidicionário da língua portuguesa - São Paulo. FLD, 2001.
- COMIN. _____. <http://comin.org.br/>. Autor: COMIN.
- CHAVES, R. P. R. Relatório de identificação e delimitação da Terra Indígena. Apurinã do Igarapé Mucuim - AM. Brasília: DF, 2002.
- FACUNDES, Sidney da Silva. The language of the apurinã people of Brasil (Maupire/Arawak). Bufalo: University of New York, 2000.
- FERREIRA, Ana Patrícia Chaves. Léxico da língua Apurinã: proposta de um dicionário bilíngue. Dissertação. Universidade Federal de Rondônia, 2013.
- FERREIRA, Ana Patrícia Chaves. Alfabetizando em Pupykary Sãkyri. Organizadora- São Leopoldo: Oikos, 2014.
- FERREIRA, Ana Patrícia Chaves. Organizadora. Dicionário Apurinã- Português. - São Leopoldo: Oikos, 2014.
- FERREIRA, Ana Patrícia Chaves. Organizadora. Mitologias do Povo Apurinã: Origens e sentidos da vida e do mundo. São Leopoldo: Oikos, 2014.
- GALAN, Maria Cristina. As Terenas. 1994 148 f. Dissertação de Mestrado (Ciências Sociais) – Pontifícia Universidade Católica, 1994.
- HECKENBERGER, Michael J Rethinking the Arawakan Diaspora: hierarchy, regionality, and the Amazonian formative. In: HILL, Jonathan D.; SANTOS GRANERO, Fernando (Orgs.). Comparative arawakan histories: rethinking language family and culture area in Amazônia. Illinois: University of Illinois, 2002. p. 99-122.
- IEB. _____. <http://www.iieb.org.br/>. Autor: IEB.
- ISA _____. <https://www.socioambiental.org/pt-br>. Autor: ISA.
- KROEMER, Gunter. Cuxiuara: o Purus dos indígenas- ensaio etno-histórico sobreos índios de médio Purus. Coleção: Missão Aberta, v 10. São Paulo: Loyola, 1985.
- LA SALVIA. Fernando; BROCHADO, José Proenza. Cerâmica Guarani. Porto Alegre: Posenato Arte e Cultura, 1989.
- LASMAR, Cristiane. Índias. In: Dicionário das Mulheres no Brasil. SCHUMAHER, Shuma; BRAZIL, Érico Vital (Org.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.
- Lévi-Strauss, Claudio. A Oleira Ciumenta. Editora Brasiliense. 1985.
- LIMA, Tânia Andrade. Cerâmica Indígena Brasileira. In: RIBEIRO, Berta G. Tecnologia indígena - Suma Etnológica Brasileira. Edição atualizada do Handbook of South American Indians.. VII. Vozes/FINEP, Petrópolis, 1987.
- Mulheres indígenas: representações. In: Estudos Feministas, vol. 7, n. 1, p. 143-156,2/1999. ISSN 0104-026x.
- PENIDO, Eliana; COSTA, Silvia Souza. Oficinas: cerâmica. Rio de Janeiro: Ed.

- PILEGGI, Aristides. Cerâmica no Brasil e no Mundo. SP: Livraria Martins Editora, 1958. SENAC Nacional, 1999.
- RISSO, Luciene Cristina. Biodiversidade e cultura: estudo de caso na terra indígena Apurinã (Brasil). Departamento de Geografia da UNESP, Campus de Ourinhos, São Paulo. 2015.
- SARIAN, Haiganuch. A cerâmica como documento arqueológico. Revista de Pré História 6, 1984, pp. 195-204.
- SCANONI GOMES, Luciana. Da lua ao pote: uma etnografia da cerâmica terena. UFMS (Trabalho de Conclusão de Curso em Ciências Sociais), Campo Grande, 2006.
- SCHIEL, Juliana. Tronco velho: histórias apurinã. Tese de doutorado. Universidade Estadual de Campinas, 2004.
- SEGALEN, Martine. Ritos e rituais contemporâneos. FGV, Rio de Janeiro, 2002.



